

**RESENHA: ARAUJO, ASTOLFO GOMES DE MELLO.  
POR UMA ARQUEOLOGIA CÉTICA – ONTOLOGIA, EPISTEMOLOGIA,  
TEORIA E PRÁTICA DA MAIS INTERDISCIPLINAR DAS DISCIPLINAS.  
CURITIBA: APPRIS EDITORA. 2019.**

Glauco Constantino Perez

Como citar este artigo:

PEREZ, Glauco Constantino. RESENHA: ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. Por uma arqueologia cética – ontologia, epistemologia, teoria e prática da mais interdisciplinar das disciplinas. Curitiba: Appris Editora. 2019. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.35, p. 307-314, Jan-Jun. 2021.

Recebido em: 06/08/2020

Aprovado em: 09/12/2020

Publicado em: 25/06/2021

ISSN 2316 8412

**RESENHA: ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. Por uma arqueologia cética –  
ontologia, epistemologia, teoria e prática da mais interdisciplinar das disciplinas.  
Curitiba: Appris Editora. 2019.**

Glauco Constantino Perez<sup>a</sup>

**Resumo:**

A obra “Por uma arqueologia cética – ontologia, epistemologia, teoria e prática da mais interdisciplinar das disciplinas” tem como autor o Professor Livre Docente Astolfo Gomes de Mello Araujo, professor e pesquisador do Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE/USP. O livro foi elaborado como Tese de Livre Docência em 2017 e publicado em seguida em 2019. É resultado de reflexões, leituras, especificações conceituais elaboradas ao longo de sua carreira, nos possibilitando conhecer a fundo alguns dos aspectos teóricos e práticos da Arqueologia.

**Abstract:**

The book “Por uma arqueologia cética – ontologia, epistemologia, teoria e prática da mais interdisciplinar das disciplinas” by Associate Professor Astolfo Gomes de Mello Araujo, teacher and researcher at the Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE/USP. The book was thought as a Thesis for Associate Professor in 2017 and published in 2019. It is the result of reflections, readings, conceptual specifications elaborated throughout his career, allowing us to know some of the theoretical and practical aspects of Archeology.

**Palavras-Chave:**

Teoria Arqueológica; Prática em Arqueologia; Ontologia; Epistemologia; Arqueologia Evolutiva.

**Keywords:**

Archaeological Theory; Practice in Archeology; Ontology; Epistemology; Evolutionary Archeology.

<sup>a</sup> Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) e Pós-doutorando do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos do Instituto de Biociências, Departamento de Genética (LEEH/UB/USP). Apoio financeiro: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ (Processo 171000/2018), Modalidade Pós-doutorado Junior -PDJ. [glauco1113@gmail.com](mailto:glauco1113@gmail.com) ou [glauco1113@usp.br](mailto:glauco1113@usp.br)

O livro “Por uma arqueologia cética - ontologia, epistemologia, teoria e prática da mais interdisciplinar das disciplinas” é resultado da Tese de Livre Docência do Professor Astolfo Gomes de Mello Araujo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. A Livre Docência (LD) foi concluída em 2017, mas o livro foi lançado em 2019 pela editora Appris de Curitiba. A LD conta com um título bastante diferente: ‘Arqueologia, ontologia, epistemologia: quando a teoria encontra a matéria (ou, por uma arqueologia cética) uma reflexão a respeito da natureza da disciplina arqueológica, com estudos de caso sobre como se dão as relações entre ontologia, epistemologia, teoria, método e técnica, incluindo uma modesta contribuição sobre a ideia de interdisciplinaridade e de como a mesma poderia ser entendida pelo meio acadêmico contemporâneo’. Esse título, embora longo, demonstra muito bem as abordagens que serão tratadas dentro da obra. O título da obra, um pouco mais abreviado, coloca o ceticismo à frente indicando como o autor abordará a Arqueologia: de maneira ‘nua e crua’ e apresentando todas as dificuldades e incongruências do fazer arqueológico; do campo, às inferências interpretativas.

A epígrafe do livro e agradecimento da Tese de LD demonstram o domínio do autor referente à temática da obra “a todos os que, de alguma forma, contribuíram para que esta tese fosse escrita. Sejam do passado ou do presente, vivos ou mortos, por meio de transmissão genética, cultural, ou por simplesmente existirem”. E, assim como a Tese, o livro contém cinco capítulos que compõem explicações teóricas fundamentadas, além de estudos de casos que foram vivenciados pelo autor. Aos leitores que já foram alunos do Professor Astolfo e conhecem sua forma de raciocínio tem-se impressão que estamos diante dele ouvindo mais uma de suas aulas expositivas, digo isso, pois a leitura da obra é fluída, lógica e apesar de ser um trabalho denso e teórico é de fácil compreensão.

No livro, existe um Prefácio escrito pelo próprio autor explicando de onde surgiu a inspiração para a escrita do trabalho. Araujo relata que sua inspiração veio de uma opção desafiadora em escrever uma tese que pudesse ser qualitativamente superior aos artigos e trabalhos publicados até então, no livro o autor reúne ideias e apontamentos que pretende reciclar e se reorganizar sobre seus trabalhos dentro da arqueologia e coloca a Arqueologia como “tão divertida quanto viajar por lugares exóticos” e coloca ainda a obra como um norte teórico para os pesquisadores que tenham e tentem apresentar ideias instigantes dentro da disciplina.

Na introdução da obra é apresentado o objetivo do livro, sendo a compreensão do *status quo* da arqueologia. Para o autor, a Arqueologia tem se tornado uma disciplina fragmentada quando não consegue aproximar o discurso teórico à prática, mesmo sendo uma disciplina com alto grau de normatização técnica. Ainda o autor foge da descrição e compilação clássica das correntes teóricas e encadeia suas ideias a partir de ontologias que deveriam estar associados aos pensamentos arqueológicos e suas relações com a epistemologia, teoria, métodos e técnicas. Nesse sentido, com explicações epistemológicas dessas questões o autor exalta que na arqueologia, embora exista uma pluralidade de “teorias”, existem poucas técnicas que possam acompanhá-las. Dessa forma, para o autor, existe uma forte incoerência no ofício do pesquisador da Arqueologia em como expressar suas ideias e agir coerentemente.

No Capítulo 1, com o título “Ontologia, epistemologia, ciência”, o autor discute fundamentos,

reflexões e estudos (ontológicos) da Arqueologia. Parte da definição do que é Ontologia e expõe conceitos que são usados comumente, mas que não tem sido aplicado de maneira correta, como “teoria”, “método”, “técnica”, “ciência” e “metodologia”, que são explicados e definidos ao longo do capítulo. Tais conceitos são fundamentais para todo arqueólogo; quem não escreveu alguma vez que iria expor a ‘metodologia da pesquisa’. Nesses termos, o autor da obra nos coloca a refletir sobre a maneira como deveríamos estar atentos ao emprego de determinados termos, que, conceitualmente, aplicamos corriqueiramente. Ainda o capítulo conta com apresentação sobre noções de evolução, progresso, inovação e tradição, epistemologia, dados (que devem ser construídos e não coletados), já que a construção de dados é intrinsecamente ligada à existência de pelo menos de algum esquema conceitual.

No Capítulo 2, que tem o título “Delimitando o campo: arqueologia” o autor realiza a explanação sobre conceitos básicos da Arqueologia, entre eles “artefato”, “ideia”, “comportamento” e por fim, mas não menos importante, “cultura”. Destaco aqui nesta resenha a abordagem sobre o termo “cultura”, que embora se faça a partir das definições de autores como Silverstein, e Tylor, o autor tem uma aplicação do termo de cultura único para a arqueologia em particular. Para Araujo, “Cultura é comportamento aprendido e compartilhado”, e coloca tal definição como suficiente para separar o que é comportamento inato do comportamento cultural (e apreendido), e ainda, é satisfatório para apartar as idiosincrasias mentais e comportamentais (a respeito dos aspectos da personalidade individual) das normas culturais de uso geral do grupo. A definição de cultura trazida por Araujo possibilita sintetizar ampla quantidade de outras definições a partir do momento que se fundamenta tal conceito e distingue as descrições, que em muitos casos confundem cultura como um objeto palpável, em outros momentos como um conceito ideacional. Nesse sentido, para o autor, os antropólogos não estudam “culturas, assim como os sociólogos não estudam “sociedades, mas ambos os profissionais estudam comportamento. Na mesma lógica, a Arqueologia, parte do estudo de artefatos e das relações entre artefatos, instrumentalizado por meio do conceito de cultura.

Além das definições conceituais trazidas neste capítulo, o autor ainda reforça a importância da classificação para a Arqueologia Brasileira. Para o autor, parece existir certa confusão entre “comparabilidade” e “normatização” tipológica durante os trabalhos arqueológicos especificamente os trabalhos com líticos, mas que sabemos que se estende à cerâmica e outros campos da arqueológica, dada a quantidade de pesquisadores e influências teóricas durante o processo de análise dos objetos. O autor sugere a existência de um método único de classificação dos objetos arqueológicos no Brasil, em que uma normatização de termos e uniformização dos rótulos, ou descrições claras seria uma atitude louvável e tornaria simplificados os trabalhos de síntese, agrupamentos e comparação entre pesquisas e estudos regionais. O autor entende classificação como um procedimento em que as ideias sobre as coisas (as classes de objetos) são postuladas e os objetos do mundo real seriam encaixados nessas classes.

Para o Capítulo 3, com o título “Arqueologia, Ciência Humana e Ciência” o autor explana sobre as aproximações da Arqueologia e as Ciências Humanas, especialmente a História e a Antropologia, apresenta o debate sobre o caráter histórico da Arqueologia e como História,

Antropologia e Arqueologia e suas abordagens diferenciadas tanto na Europa, quanto nos Estados Unidos da América no subitem do capítulo intitulado “Arqueologia e Antropologia: anatomia de um mito”. Além disso, o autor ainda apresenta a “Teoria do fundo” com os pressupostos teóricos básicos que a ciência toma como verdadeira e que norteiam os trabalhos dos cientistas, apresentando os princípios fundamentais da arqueologia: determinismo, universalismo, uniformitarismo, sistemismo, correlação entre material e imaterial e suficiência fundamental dos dados. Novamente percebemos o quanto o autor foi a fundo das discussões teóricas para basear esta obra e o quanto relevante é termos tais conceitos bem distintos durante a pesquisa em arqueologia ou qualquer outra situação em que se espera fazer ciência.

Destaca-se ainda que nesse capítulo a sessão destinada à Analogia em que o autor postula que realizar analogias é imprescindível para a construção de conhecimento arqueológico, porém a analogia não é apenas a comparação de semelhanças, mas suas diferenças. O autor coloca o exemplo dos estudos de Binford junto aos Nunamiut e completa o raciocínio alocando estudos de analogias como ponto de partida para a formulação de hipóteses e modelos, com papel heurístico importante. Ainda o autor chama a atenção para as abstrações comparativas trazidas pela analogia, sendo os objetos ou o contexto arqueológico considerado membro de uma classe e a analogia possibilitaria comparações entre tais classes, ou abstrações e não entre artefatos ou contextos individuais

O autor explica que a analogia não deve ser utilizada sempre em trabalhos arqueológicos, mas que a analogia etnográfica possibilitaria um caráter inicial no raciocínio arqueológico, o que consente novas possibilidades e novos caminhos de pesquisa. Além disso, o autor relata que em casos de continuidade cultural, ela é imperativa, porém essa abordagem pode ser uma armadilha caso o registro arqueológico não seja compreendido como algo que também possa conter dados contra intuitivos, apontando para situações existentes no passado que nunca foram pensadas pelos antropólogos, ou jamais observadas no registro arqueológico.

Para o Capítulo 4, com o título “A Teoria em Arqueologia” o autor versa sobre a Teoria arqueológica propriamente dita, apresentando conceituação do que é Teoria e a modelos de como se estrutura esta disciplina nestes termos. O autor ainda apresenta discussões sobre o que é Classificação, como é empregada, mal compreendida e considerada “algo menor” pelos arqueólogos brasileiros, reafirmando ser indispensável para o exercício da profissão. Araujo afirma que classificar não pode ser considerado algo “natural” ou empírico ao pesquisador em arqueologia, mas que se deve ter noção e conhecimento que por trás dela existe uma teoria explicativa para tal procedimento. Nesse sentido, o autor enfatiza que a utilização do método de classificação depende ainda da definição do campo, da escala e do Universo a ser pesquisado para tal aplicação, ou seja, se a mesma será feita sobre atributos, sobre artefatos (que são agregados de atributos), sobre sítios (que são agregados de artefatos), etc.

Nestes termos, o capítulo aborda e apresenta como classificar a partir dos tipos e conjuntos analisados. O autor afirma que os conjuntos de objetos apresentam variabilidade interna, mas se os tipos forem entidades empíricas e portadoras de “essências”, as relações entre eles serão relações de diferenças e as variações de um mesmo tipo poderão ser vistas como “ruído”, sem nenhum valor

analítico. Dessa maneira, os tipos teriam uma visão anti-essencialista e estão em estado contínuo de mudanças em um conjunto de objetos colocados sob um mesmo rótulo. Já as classes seriam convenções utilizadas para a descrição e não unidades empíricas, portanto, teria uma postura essencialista e é dirigida para a observação das diferenças. O autor destaca que na arqueologia brasileira parece haver uma confusão entre “comparabilidade” e “normatização tipológica” e que os problemas em classificação no Brasil surgiriam pela falta de um glossário ou normatização sobre os vários rótulos dos tipos analisados pelos sem-número de pesquisadores no nosso país continental. Para isso, o autor coloca que a normatização dos termos relacionados à descrição de atributos é imperativo para a comunicação entre pesquisadores das mesmas áreas, mas também para que trabalhos em escalas regionais sejam realizados.

À conclusão do capítulo, Araujo relata que apesar da possibilidade de uma normatização de termos relacionados à classificação, a solução está longe de ser finalizada, posto que, para o autor, a raiz das dificuldades estão sobre a noção do que é tipo ou unidade “real de observação” na pesquisa arqueológica e cada pesquisador tem em sua mente a visão do que podem ser tipos diferentes para as mesmas características observadas. Nesse sentido, para o autor é coerente dizer que não interessaria o nome dado a um objeto arqueológico, e toda comparabilidade entre peças, indústrias ou sítios arqueológicos reside na definição das classes suficientes e necessárias para que um determinado objeto, ou item analisado seja designado. A máxima apresentada pelo capítulo reside em compreender que “peças denominadas de formas diferentes, mas acompanhadas de descrições claras, podem ser agrupadas, reagrupadas ou comparadas com outras em outros estudos”.

Para o Capítulo 5, intitulado “A interdisciplinaridade em Arqueologia: integrando Teoria e prática em uma perspectiva pessoal” apresenta uma integração entre os conceitos teóricos introduzidos nos capítulos anteriores e o objeto de estudo da disciplina, o registro arqueológico. O autor demonstra que a teoria deve ser unificada à prática e deve ter implicações nos métodos e técnicas e não ser apenas um conjunto incoerente de ideias que não se dialoga com o mundo material e as análises realizadas durante as pesquisas. Neste capítulo, o autor apresenta os estudos de caso, perpassando por observações em campo desde os idos de 1986, data de sua primeira etapa de campo no Boqueirão da Pedra Furada, no Parque Nacional da Serra da Capivara com leituras estratigráficas; exemplos e descrições sobre a arqueologia experimental; formação de sítios arqueológicos (com o estudo de abrigos de Lagoa Santa); sítios a céu aberto e seus processos de vertentes; suas observações sobre os Hiatos do Arcaico, como prefere chamar as inconstâncias de fenômenos observados sobre a existência e a ausência de vestígios arqueológicos, especialmente na região da Lapa do Santo; classificação, tipologia, morfologia e tecnologias e por fim, observações e aplicações da Arqueologia Evolutiva sobre a ocupação do continente sul-americano.

Este último tema, precioso para o autor por fazer parte de suas últimas pesquisas, serei um pouco mais prolixo. O autor apresenta a Arqueologia Evolutiva e apresenta a conceituação dicotômica entre estilo e função se baseando nas definições de Dunnell que propôs que o registro arqueológico pode ser entendido a partir do ponto de vista evolutivo nesta dicotomia teórica. Nessa proposta, Araujo entende os atributos funcionais com alguma importância em termos de aumentar

a performance do artefato em relação ao ambiente e por outro lado, atributos estilísticos seriam aqueles não seriam relacionados à performance do artefato e cuja presença não influencia sua interação direta com o meio ambiente.

Araujo ainda realça os axiomas trazidos por Lyman e companheiros para traçar um quadro com aspectos evolutivos identificados em pesquisas arqueológicas, sendo: primeiro, a transmissão cultural que cria tradições de artefatos; segundo, a persistência de classes de artefatos que monitora a transmissão cultural e a herdabilidade de traços culturais; terceiro, a variação que é introduzida por erros de cópia e experimentação causando as alterações ou mudanças culturais; quarto, a seleção que reduz ou estabiliza essa variação cultural. Tais aportes provenientes da arqueologia evolutiva são identificados habitualmente em análises de conjuntos artefatuais. Nesse sentido, a obra de Araujo fornece respaldo teórico para a compreensão de termos como diversidade dos conjuntos, adaptação ao meio, deriva (ou chance) e história dos objetos arqueológicos.

A obra ainda conta com uma Conclusão intitulada “Por uma Arqueologia cética e anárquica” que nos traz novamente à realidade apontando o excesso de inferências ligadas ao paradigma pós-processual, mesmo quando se parte de uma visão equivocada do que é ‘ciência’. Ainda o autor preza para a busca da objetividade e da ética dentro da disciplina arqueológica, pois esta é a única ciência que destrói sistematicamente seu objeto de estudo. Ainda, o autor oferece a oportunidade de reflexão sobre as tão pós-modernas e tecnológicas possibilidades aplicadas aos trabalhos de campo, mas que se observar friamente, sempre retornamos às anotações em cadernos e fichas preenchidas em campo.

Araujo ainda faz uma forte crítica sobre a materialidade e imaterialidade e sugere que a maneira como as imaterialidades são estudadas pelas ciências humanas teriam maior importância diante das materialidades e cobra coerência dos pesquisadores que atuam guiados pelo pós-processualismo diante de tal fenômeno. Por fim, arremata o texto exigindo posição cética dos pesquisadores quando fala sobre um posicionamento crítico com as pesquisas arqueológicas, apontar tendências, produzir interpretações muitas vezes contraintuitivas, derrubando certezas instauradas sobre quem somos e de onde viemos possibilitando compreender diferentes mundos apresentados pelo senso-comum. No final da obra ainda, pode-se contar com um índice remissivo que, quando se trata de uma obra dessa complexidade e quantidade de definições, possibilita acesso rápido e objetivo para buscar definições dos termos elencados nesta sessão.

Araujo, diante da sua Tese de Livre Docência e da publicação desta obra fundamental aos arqueólogos brasileiros apresenta à comunidade, e aos interessados na temática, a possibilidade de refletir sobre o fazer arqueologia, organizar nossos pensamentos e nossas papeladas acumuladas e empoeiradas esquecidas sobre nossas escrivatinhas. Não hesita em criticar e apresentar argumentos sólidos para elaborar os conceitos observados, construídos e trazidos ao longo de sua carreira dentro desta obra, revelando um conjunto de resistência crítica diante das inconstâncias teóricas e práticas observadas durante o fazer Arqueologia. Esta obra teórica e densa se destaca por ser uma das poucas publicadas em português e que possibilita contato dos iniciantes aos trabalhos clássicos da arqueologia mundial. Talvez essa seja mais um dos grandes presentes deste trabalho,

ser acessível ao leitor, tanto na língua, quando na maneira que são apresentados os termos que são tão valiosos dentro de um estudo científico, sem deixar de apresentar críticas ousadas aos trabalhos que se perdem em relação à coerência prática e teórica expondo viés liberto de amarras, cético e anárquico como a Arqueologia deveria ser.